Mário Dionísio

A morte é para os outros

o jornal

/848/

Mário Dionísio

A morte é para os outros

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL
Nº 10364

o jornal

QUE A LUTA CONTINUA, DIZEM ELES

QUE A LUTA CONTINUA, DIZEM ELES

Pois ia sendo a maior asneira de toda a minha vida. Sim senhor. E se a não fiz é porque anda lá por cima um sujeito qualquer, com barbas ou sem barbas, a proteger a gente. E também porque nunca me faltou olhinho vivo e muita calma em certas ocasiões. A verdade se diga.

Eu estava lá. Quando houve a certeza do que é que se tratava. Eu estava lá e recebi como todos a grande porrada na cabeça. Quem é que podia esperar? Como é que se podia acreditar numa coisa daquelas?

A malta parecia louca, correu a barricar o portão e pôs-se a queimar tudo o que fosse papel: pastas grossas e finas, folhas soltas, cartas, fichas de toda a espécie. Que braseiro! As chaminés pareciam não ter tiragem para tanto. E queimava-se não só nas chaminés. A casa que se lixasse. Havia móveis caídos ou partidos em todos os andares, restos de papel queimado esvoaçando, fumarada. A mim, qualquer coisa me dizia que talvez se exagerasse. Ou que havia um grande engano em tudo aquilo. Mas também as cortei, pois claro. E não me pus ali à espera, com os braços cruzados. Talvez tenha sido até dos que destruíram mais provas em tão pouco tempo. Sem nunca

perder a calma. Apesar do alarido que vinha lá de baixo da rua e das outras ruas perto.

Todo o Chiado parecia um só clamor. Mas que era aquilo? Como era aquilo possível? Lá dentro muitos gritavam, numa roda-viva, praguejavam. De filho da puta para cima era só o que se ouvia. Eu rasgava, queimava, berrava àquelas bestas que não perdessem a cabeça, que haviam de vir salvar-nos. Quando ouvi tiros. Alto lá! A coisa era mais séria. Parvalhão! Não entendi logo que era a malta. Os nossos é que atiravam pelas gretas das janelas, para liquidarem os cachorros que ladravam na rua contra nós, e cada vez mais perto. Parece que mataram dois ou três, tirinhos de pistola, valia bem a pena! E talvez os tiros acirrassem mais o povoléu, que estava mesmo possesso. Era muito capaz de entrar por ali dentro ou de pegar fogo ao prédio com a gente lá dentro. Talvez, pelo contrário, atirar os contivesse. Mas só à metralhadora. Não havia tempo para ver o que convinha mais. De qualquer modo, se a malta acertasse neles, tudo bem. E em quantos mais melhor. Pensava tudo isto sem parar. Lançando grandes braçadas de papel para as chamas, esquadrinhando tudo onde pudesse haver coisa mais perigosa, sem grandes resultados, deixámos lá muito de importante, era impossível. E, quando houve ordem de sair pelas traseiras, um a um, com todas as cautelas, que a rua estava ainda limpa mas havia muita canzoada lá para cima, no largo, e podia voltar-se para baixo, cercar o edifício, incrível!, ainda o não tinham feito!, fui dos primeiros a abandonar o navio. Pé ligeiro, sempre sem perder a calma, que é ela que nos salva. E, aproveitando um dos carros estacionados por ali, tinha as chaves, ainda na vés-

pera fora nele a Caxias buscar um tipo para a conversa do costume, pus-me a milhas num abrir e fechar de olhos. Percorrendo e atravessando ruas, procurando as de menos movimento, mas, mesmo assim, com gentalha a berrar e a cantar, agitando bandeiras, o raio que a partisse. Mal tinha um grupo à vista, arreganhava a tacha, buzinava em sinal de regozijo, punha o braço de fora, bem ao alto, com o punho fechado, curvava sem abrandar, guinava, prosseguia. E só parei, depois de muitas voltas a apalpar o terreno, farejando as transversais, num bairro relativamente calmo, lá para os extremos da cidade, tudo corria para a Baixa, para o Carmo, em casa dum compadre, que me recebeu de cara branca como a cal: «Estamos lixados!»

— Parece que sim — disse eu.

E fui fechando a porta.

Vim a saber mais tarde que alguns dos que estavam comigo lá na sede, na hora da hecatombe, se tinham desgraçado. Ou se atrasaram, ou lhes vieram à cabeça ideias de saloio. Mas que tansos! Meterem-se no meio da populaça, que fervia de sanha, na esperança de não serem reconhecidos e voltarem a casa, os cabeças de burro. A casa! Não serem reconhecidos! Estavam mesmo chaladinhos. A um, atiraram-no contra a parede, rasgaram-lhe a roupa toda, fotografaram-no em pêlo, com as cuecas enrodilhadas nos sapatos, mãos no ar e plantaram-no assim em todos os jornais. Era o Braguilhas. Outros puseram-se a fugir pelos telhados, de prédio para prédio, com a multidão em baixo a gritar e a apontar: «É pide! É pide!» E a sorte é que os papalvos gritavam mas não atiravam. E, quando lhes deitavam a unha, depois de duas ou

três sacudidelas, era tudo garganta, entregavam-nos à tropa, pronto, estavam salvos. Mais espertos, em todo o caso, foram os que, julgando-se olhados como a gente cá sabe, estendiam logo o braço para longe, a apontar e a gritar com toda a convicção: «É pide! É pide!» Piravam-se, então, enquanto a turba se voltava para onde eles tinham apontado e, repetindo: «É pide! É pide!», se atropelava perseguindo não se sabia quem, está bem de ver.

Disse logo ao meu compadre, que tinha sido só informador, quem me dera estar no lugar dele:

— O que é preciso é não perder a tramontana. A primeira coisa é a gente desfazer-se desta merda.

Referia-me ao carro. — Tens gasolina?

Claro que ele não tinha gasolina. — Mas tens ao menos um tubo de borracha, um pedaço de mangueira?, e uma vasilha?

Isso tinha. Conduzi o carro até ao largo mais próximo, queria-o longe dali, escusado dizer porquê, desenrosquei o tampão, suguei com cuidadinho para o balde a gasolina que pude, despejei-a toda sobre o carro e lancei-lhe um fósforo de longe.

É catita a rapidez com que um bicho daqueles se põe a arder e a zunir, levantando labaredas de respeito e torcendo-se todo. Um arraial! E até me deu pena. E raiva, claro, uma raiva mesmo do catano. Ainda não tinha dez mil, estava ali para dar a volta ao mundo e bem me calhava tê-lo. Mas conservá-lo era perigoso. Se não era perigoso!

Ao estrondo e às primeiras chamas, aquilo chiava, só mesmo vendo e ouvindo, abriram-se portas e janelas, juntou-se logo muita gente, nem toda portanto tinha ido

para a Baixa. Gente ordeira, respeitando as ordens que a rádio transmitia: conservem-se em casa quietinhos, a situação está dominada, evitem o derramamento de sangue. A armarem-se em anjinhos aqueles filhos da mãe que tinham feito das boas lá para Angola. Não sabia então quem eles eram. Mas o catatua do monóculo devia andar naquilo e afinal ainda bem, como se viu depois, era um militar a sério, não dava cavalaria a curiosos.

À minha volta, vendo o carro a retorcer-se, tudo queria saber como é que fora aquilo. Se eu sabia. Arriscando, expliquei que não vira nada, não sabia nada, com um arzinho manhoso de poder muito bem ter sido eu, agora o povo é que mandava. Que era a justiça popular.

— Este carro era dos gajos. Deste já eles não se servem mais.

Ali, no alvo. A canzoada pôs-se logo às palmas, começou, triunfante, a lengalenga: «O povo / unido / jamais será vencido», «o povo / unido / jamais será vencido». E eu vi-me cercado por aquelas dezenas de sacanas, a cantar com eles: «Grândola-vila-mor-e-e-na / terra da / fraternida-a-de...»

Andei alguns tempos à bolina, de olhos no horizonte pouco tranquilizador. Os comunas iam mesmo tomar conta disto tudo. E era o que eu mais temia porque, então, adeus. Com aquela organização, aquele afinco, eu bem os vira nos interrogatórios, aquele ódio todo acumulado, a levarem porrada que até caíam para o chão e sempre renitentes, sem abrirem bico, haviam de matar-nos como ratos, nenhum de nós escapava.

Mas de esperança vive o homem. E um pouco também do que a vida lhe ensinou. Se não é parvo de todo.

Se tem olhinho vivo e sabe manter a calma. Eles estavam em toda a parte. Muito bem. No Governo, naquele nojo da Assembleia, nas fábricas, nas escolas, nas ruas, nos cafés, como formigas invadindo tudo. Até porque era a altura em que toda a gente queria ser PC, aderia ao PC, insinuava ter sido sempre PC, ou pelo menos contava que ajudara, e não só com dinheiro, nos tempos do obscurantismo, como os gajos dizem. Queriam empregos, melhorar de situação. Os que, por isto ou por aquilo, às vezes só por cagaço, se tinham afastado, reapareciam agora, o que lá vai, lá vai, a vida continua. Mas fazia-me espécie a facilidade com que o Marcelo e o Tomás saíram do Carmo, com toda aquela protecção, carro blindado atravessando a gentinha ensandecida, passagens para a Madeira, a caminho dum exílio todo honrarias e conforto, quem mo dera a mim. A multidão apinhada no Largo, apesar dos comunicados do Movimento, encavalitada nas árvores, em cima dos tanques de guerra, com figuras conhecidas empunhando megafones, berrava que se fartava. Queria comer-lhes os bofes. A verdade, porém, é que eles saíram sem uma beliscadura e foram dar à pluma lá para longe. Poucos viram que era um óptimo sinal.

De forma que, quando o major, que foi meu chefe muito tempo, conseguiu chegar à fala comigo e me disse «põe-te a andar antes que seja tarde, tens aqui massa que chegue, é o que vou fazer também», eu disse-lhe, com espanto dele e algum desagrado, só quem o não conhecesse: «Obrigadinho, meu major, mas vamos ver o que se passa.» E ele, que não estava nada habituado a que não lhe obedecessem: «Quê! Ainda não viste? O que é que esperas que se passe?» «Vamos ver, major, vamos lá

ver. O mundo dá muita volta. Mas obrigado, meu major, esta nunca a esquecerei. Se for preciso, cá estou eu.»

Ele foi-se embora e fez asneira. Bem sei que mais tarde regressou, com todas as garantias, sim senhor, mas o que era bom estava ocupado. E agora chupa-lhe no dedo. Reintegrado, bom. Mas isso só para que serve?

Porque uma coisa era o que se ouvia e via na rádio e na TV, o palavrório exaltado, os cantorios, os vivas, as bandeiras, as marchas na Avenida, as manifestações no Terreiro do Paço e em S. Bento — foi o que logo me cheirou —, outra, muito diferente, o que se passava nas costas do povoléu, os conluios de bastidores, certos passados que não convinha deixar vir ao de cima. Sem falar noutros interesses, ligações, os esforços desesperados para suster o que ia já por aí fora, os agrários esbulhados de muita terra, cultivada ou não, era com eles, ora essa!, cada um faz o que entende do que é seu!, as grandes empresas passadas para o Estado e ao sabor da guerra entre os partidos, os homens de iniciativa escapando-se para o estrangeiro, levando consigo a bagalhoça. Sem falar nas grandes potências, a América sobretudo, era nessa que eu pensava mais, que não ia deixar ao deus-dará estes pobres restos de nação que, se mais não tinha já, tinha ainda, pelo menos, a situação geográfica que Deus lhe deu. Isso, sim, é que contava. E havia pequenas coisas a que eu estava muito atento. Um chefe político de peso a afirmar num discurso que as praças da GNR e da PSP eram tão filhos do povo como quaisquer outros, nisso tinha ele razão. E logo outro, que não queria ficar-lhe atrás, a repetir o mesmo mel pelos beiços. Quando comecei a ouvir falar em legítimos interesses dos empresários,

crismados à cautela de «empreendedores», nasceu-me uma alma nova. Já se estavam a chegar. A coisa ia.

Que eu tinha cá uma crença. É que essa história do povo, da vontade do povo, de «o povo é quem mais ordena» e baboseiras que tais têm muito que se lhe diga. Conversa boa para a imprensa clandestina, mas agora já não era clandestina, e para gritar nas marchas de protesto que se iam transformando em cortejos muito bem organizados, muito ordeiros, com as palavras de ordem gritadas por gajos repimpados em carros com instalação sonora, olha o protesto!

Na morte do Carmona, era eu ainda um puto, assisti a esta cena. Ali pelas Avenidas, uma senhorita pelo passeio fora, com uma blusa amarela, trique-trique. Era dum amarelho que até parecia iluminado por dentro. Passa um operário, que era mesmo um operário, com um fumo no braço, e diz-lhe assim: «Ó sua puta, isso é coisa que se vista num dia destes?» Ela apressou o passo, com vontade de enfiar-se pelo chão abaixo, estou a vê-la, sem levantar os olhos. E eu fartei-me de rir porque muita gente assistiu à cena e ninguém deu por nada, nem um pio. Mulher honesta não tem ouvidos, muito bem. Mas a cantiga era outra. Que ninguém gramava o tipo. Que toda a gente era contra. Choviam as anedotas. Que se houvesse eleições, a conversa do costume. E, vai-se a ver, só havia gravatas pretas na cidade inteira. Que os chefes de repartição tinham dado ordens peremptórias. Ah tinham? E, então, nas empresas particulares, e nos cafés, e nos transportes colectivos? E os reformados? Quem é que dera ordem aos reformados para porem gravata preta?

Mas mais claro ainda do que isso foi depois, no tal dia, quando o Velho caiu da cadeira e ficou para ali, praticamente liquidado. Era tudo a telefonar lá entre eles, bem os ouvi na escuta, os parabéns, as garrafas de champanhe, bem os ouvi, eram tudo projectos, as esperanças dessa corja toda. Mas ninguém se mexeu. Que o País era contra de alto a baixo. Que se houvesse eleições, outra vez a conversa do costume. O País era contra e esteve aquele tempo todo a ver no que as coisas davam. Foi um cagaço dos grandes cá para a rapaziada. Quem o negar é parvo. Mas cada dia que passava e nada, tudo à espera, a gente respirava melhor, com os olhos mais abertos que nunca. Tudo muito quietinho, intrigando em segredo, à espera do que viria, do que não viria, os dias pareciam anos. Até que aquele sacrista ocupou o lugar, com «conversas em família» e outras inovações de borra, que agradavam, pelos vistos — não a nós —, dislates sobre dislates, até mandou regressar o Bochechas de S. Tomé, digam-me lá para quê!, já era preciso ser medricas, e acabou por dar com tudo de pantanas, aí está. Se o povo era contra, todo contra, por que não aproveitou quando deu o badagaio ao Velho? Tempo não lhe faltou. E por que agradou tanto a «primavera» do sacrista? Bonita «primavera»! Se não fosse a gente aguentar bem a barra e a censura ter estado à altura, ainda tinha sido mais depressa.

Vamos pois ver o que acontece: era a minha ideia fixa. Se uns capitães sem vergonha deram um golpe com um jeito de se lhe tirar o chapéu, os safardanas, apanhando tudo de surpresa, guerreiros profissionais sem quererem guerra, onde é que já se viu?, e se se abriam a tudo

o que era esquerda e esquerdalheira, não queria isto dizer — pensava eu, e bem, bendita a mãe que me pariu — que as coisas ficassem assim.

E muitas vezes me lembrava daquela vez em que fui substituir um colega, pelas tantas da noite, na vigilância dum preso, não o deixar sentar-se, nem encostar-se à parede, nem à mesa sequer, já o tipo tinha muitas horas daquilo, pés inchados, olhos vermelhos de quem não aguenta mais, mas aguentava, o estupor, e vou eu, digo-lhe assim: «Vocês fazem mal nessa raiva que nos têm e em não quererem falar. Isto está de pedra e cal. Mas se um dia der a volta, vão precisar de nós, tenho a certeza, e então é que eu quero ver.» O gajo, claro, silêncio. Se calhar, nem me ouvia. Nessa altura só me odiava, o gajo, pois não havia de odiar, enquanto eu passava os olhos pelo jornal, sentado na frente dele, de pés na secretária, sem o perder de vista, não fosse haver abusos. Enquanto eu ali estivesse, não se encostava fosse lá a que fosse. Que falasse. Se não queria falar, era com ele.

Talvez hoje se lembre do que lhe disse então. Por mim, não lhe esqueci a pinta nem o nome. Vejo-o todos os dias nos jornais, é dos que mandam e anda para aí às turras com os outros. A política dos gajos é só essa, andar às turras. Andam todos ao mesmo. Cá os espero.

Depois desta linda Revolução, dos cravos como eles dizem, ou seja, da nojenta traição de terem dado as colónias de borla e de andarem ao sabor de barbudos e putéfias de boas famílias, diz-se, o mais difícil para mim foi arranjar pouso com alguma segurança, além da grande chatice de ter de andar sempre a alçar. Olho vivo e pé ligeiro. Só agora é que avalio o que terão passado os gajos

da clandestinidade, ainda por cima com uma polícia das melhores e uma chusma de informadores no encalço deles. Mas queria vê-los assim, sem nenhuma Organização a apoiá-los, sempre à espera de serem reconhecidos e metidos na choça, sabe Deus para quê e até quando. Que isso de fazer ginástica e jogar à bola na cerca da Penitenciária é como o outro que diz. São umas férias. Mas eu cá sou da família das águias e visava mais longe.

Os bons tempos já lá iam. Nem vale a pena falar nisso. Bons tempos, ricos tempos. Há lá coisa que pague ver os outros com o rabo tefe-tefe, cheios de medo de nós, sabendo muito bem que a gente lhes pode limpar o sebo sem haver novidade! Momentos de grande gozo. Uma sala do Liceu Camões, exame do 5.º ano, prova escrita. O professor anda para ali, de carteira em carteira, a rubricar as folhas em que escrevemos, a ver os bilhetes de identidade. O polícia era então ele. E eu babado de prazer, sem levantar os olhos do papel. Ao saber a minha profissão, nesse tempo isso vinha nos bilhetes de identidade, o tipo deve ter tido um baque. Agente de 2.ª classe da Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Toma lá, meu menino. Eu estava à rasca com o ponto. Mas, apesar de crer que profissões assim era melhor não se saberem, dava-me um prazer danado imaginar o que ele pensava, com certeza: este fulano foi meu aluno o ano inteiro, curso da noite, estudante-trabalhador, quem é que havia de dizer?, terá ele percebido alguma coisa? Sem o tipo sonhar que, mais duma vez, eu tinha tido a ficha dele na mão. Grandes maluqueiras em estudante, depois juízo, parecia outro. Nunca tinha aderido, em to-

do o caso, estava na lista dos suspeitos. Mais um que me conhece. Se ainda não baqueou. Já então era entradote.

O que importa é nunca perder a calma. Põe-te a pau que Deus lá está.

Uma tarde, andando a querer mudar de pouso, prudência nunca é de mais, fui bater a um certo quinto andar de uma tal D. Aurélia, onde estivera uns anos antes com a Marita, uma que se pisgou agora para Espanha sem sequer dizer adeus, pudera. Eu fizera um desviozito nuns dinheiros lá do serviço, logo o chefe mudou por essa altura e então deu-se o caso reinadio de a própria PIDE andar atrás de mim. As coisas que um homem passa! A miúda também tinha aproveitado e dispôs-se a fazer-me companhia, convinha-lhe a protecção, está claro. E a mim não me convinha menos, ar de arranjinho discreto, massaroca à vista, ninguém fazia ondas. Mas ia-me lixando se não fosse um padrinho que tinha lá muito em cima, ele próprio me meteu na polícia, simples informador, primeiro, depois sempre trepa-trepa. «Ó meu sacana, tu fazes-me uma destas?» Mas lá conseguiu limpar tudo, era um gajo porreiro.

Até então, vivi por aqui e por ali, e algum tempo nesse quarto do tal quinto andar da D. Aurélia, porta para a escada, com mais a principal e a das traseiras, três portas ao dispor, eu e a Marita como dois pombinhos arrulhando dia e noite. Quando afinal só nos últimos dias chegámos a vias de facto e mais para passar o tempo, que ela estava servida, nem era de muito alimento e a mim, graças a Deus, nunca montaria me faltou. O pior é que, com aquele eu não sair, nem de dia nem de noite e alarmada por causa dum amigo que às vezes nos visitava, tu-

do muito educado, muito em ordem, conversas em voz baixa, a D. Aurélia começou a ficar nervosa. Julgou-nos um casal político na clandestinidade, o amigo seria o elo de ligação, tremeu como varinhas verdes e foi insinuando que precisava do quarto. Mas aguentou, a gaja. E só depois de nos pormos ao fresco sem dizer água-vai, onde é que estavam as malas?, nem um lenço nas gavetas, e de lá terem ido dois agentes com os nossos retratos na mão, por acaso conhece estes dois ou qualquer deles?, ela compreendeu no que tinha estado metida e que era muito menos grave do que, aflita, julgava. «A senhora não se assuste. Eles são da Polícia, como nós. Andamos atrás deles por uma questão de dinheiros. Não tem importância, boa tarde.»

Pois quando eu bato à porta, supondo-me em terreno conquistado, e é a própria D. Aurélia a abrir, vejo-lhe nos olhos um pavor muito maior que noutros tempos, apesar de me julgar então um comuna clandestino. A cróia! Que não tinha quarto livre de momento. Com duas pedras na mão, carão fechado. Vi o telefone atrás dela, numa mesa pequena agarrada ao bengaleiro. Pensámos com certeza a mesma coisa. Mas ela não tinha coragem para tanto e fechou logo a porta. Com a mesma pressa com que eu descia pela escada abaixo, sem me perdoar a imprudência. O estupor da velha também devia ser do contra noutros tempos. Também essa. Se não ligou logo ali para o COPCON foi por ter medo de mim, que a esganava. Não era só pavor que havia na cara dela, sei distinguir as coisas. Devia ser dos que dariam tudo para nos verem pendurados nos candeeiros da Avenida

ou mortos à sacholada. Àquela esmigalhava eu os ossos de muito boa vontade se os tempos fossem outros.

Mas calma, compincha, calma. A maioria silenciosa há-de mexer-se, há-de aparecer.

Que mal tinha eu feito afinal que não tivessem feito muitos outros? Matei um homem? Sim senhor. Mas em que condições? No assalto a uma casa, um rés-do-chão com quintais nas traseiras, o gabiru a querer escapar-se, saltando pela janela, eu saltando atrás dele, deito-lhe a mão ao casaco, ele mete-me uma joelhada cá no sítio que vi estrelas, consigo ainda puxar pela pistola, e pá-pá, deixei-o logo ali estendido, quem é que teve a culpa?

Quando tudo parecia definitivamente perdido e eu próprio começava a esmorecer, 1.º de Maio dum raio, aquilo fazia medo, justamente nessa altura em que eu já via tudo negro, qual calma, qual carapuça, inesperadamente, começou a ressaca.

Haja Deus! Haja Deus! Pus-me a entrar, com todo o à-vontade, em tasquinhas de bairros populares e a dizer para quem estava: «Bom dia, aí, camaradas. Então há novidades?» Fazia-me convidado para beber o meu bagaço. Que eu pagava, pois claro, e às vezes não só o meu. Mas já tinha voltado, entretanto, ao trabalhinho. Davam comigo não sei como. Ou tinha-o escarrado na cara?

Ajudei nalguns incêndios lá para o Norte, em sedes dos vermelhos, sem me esquecer de preparar com tempo testemunhas, pelos olhos da cara!, que afirmassem, sendo necessário, que nesse dia e nessa hora exacta, me tinham visto em Portimão ou em Beja ou no Montijo.

Trabalho limpo e com futuro. Pouco depois, alguém de um partido, e dos maiores, precisou de mim para um

serviço de segurança. Olá! Pus-me a pensar se não seria aquilo exagerar. Vê lá se estragas tudo. Fiz questão de ser honesto. Nada de embandeirar em arco. E, assim, antes de pôr as minhas condições: «Saiba o senhor doutor que eu, no antigamente...» Mas esse era um doutor que não andava nas nuvens. Nem me deixou continuar. «Está bem, está bem. Não te inquietes com isso.»

Posso dizer e sem mentir que nesse dia e nessa hora recomeçou a minha vida em pleno e já com juros a prazo. Era um milagre, minha querida Nossa Senhora! Tudo por não ter cavado, como queria o meu major, com a melhor das intenções, quem é que diz o contrário? Mas, se ele me aparecesse agora, que não contasse comigo.

Ia-me sentindo em casa. Os que fugiram para a estranja, para o Brasil, com a casa às costas, a família, as jóias, e andam para aí, agora, em livros e entrevistas, a arrotar a sua fidelidade ao senhor Professor Salazar, metem-me nojo. E não me venham com «coitados!, podiam lá adivinhar!». Que coragem! Que pífia dignidade! Escarro.

Cá os meus são os outros. Os que foram ficando. Os que souberam esperar. Os que souberam mudar de figurino sem fingidos pudores e aí estão eles, mais democratas que ninguém. Que jeitosos, caramba! Como souberam dar a volta às coisas, levar a água ao seu moinho, com o aplauso de toda a gente sensata, como era natural. Liberdade? Pois que seja a liberdade. Mas para todos. E segurar pela trela os que a queriam só para alguns, já se está a ver quem estes são. Pois os patrões, só lá porque eram patrões, não hão-de ser portugueses? E os donos de terras também não são portugueses? E os grandes indus-

triais não são bons portugueses? E nós, os das várias polícias, que tanto defendemos Portugal, não somos portugueses como os outros?

Coisas de «intelectuais», escarro outra vez, essa escumalha bem falante. O trabalho que nos deram esses filhos-família mais traidores que Judas à sua própria classe. Ia-se buscar um gajo ao campo e era um manjar dos deuses. A gente apertava até acabar com ele se fosse necessário, ninguém nos chateava. Mas os tais intelectuais, oh maldição!, metia-se um lá dentro, punham-se logo a ganir os outros todos cá fora, com abaixo-assinados carregados de nomes e mais nomes, que era uma seca para localizá-los todos, ver se já tinham ficha, actualizá-la e, se não, abrir-lhes uma e começar a segui-los de perto. Dava sempre jeito ficar a saber mais da rede, até onde é que ela ia, mas era uma chatice que nem sempre dava grandes resultados. Muitos assinavam só por vergonha de dizerem que não e era tudo. O mais que se lhes podia fazer era excluí-los dum concurso, mandá-los para a rua, qualquer coisa assim. Pior. Punham-se a latir ainda mais.

A desgraça, como sempre, foram certas liberalizações desnecessárias, quando esta palavra ainda era mais ou menos suspeita. Sou ainda do tempo em que se atirava um sacaninha lá para dentro, e acabou. Voltava a casa, se voltasse, daí a meses, anos e ninguém abria a boca. Podia-se atirar um mais casmurro pela janela abaixo, chamava-se a ambulância, que o levassem, ou mandá-lo para o Tarrafal depois da pena cumprida, ou liquidá-lo logo ali. Que fora um acidente, que iludira a vigilância do guarda e se enforcara. Ninguém aparecia a querer saber, a chatear. Depois começou aquela marmelada dos Direi-

tos do Homem, do cumprimento da lei ou faz de conta por causa do estrangeiro, do que se dizia no estrangeiro, ora merda para o estrangeiro. Como se o estrangeiro viesse por aí dentro e nos comesse a todos. O resultado não se fez esperar. Ainda mal um gajo tinha sido metido no Aljube, antes do primeiro interrogatório, e já tínhamos a família à perna, a querer saber onde é que ele estava, a querer levar-lhe roupa, comidinha cuidada, mariquices. E, se era preciso aplicar-lhe um cachação a tempo, cuidadinho, por causa das ordens de cima, que era um nome conhecido, parente de alguém conhecido, não convinha exagerar.

O resultado foi este. Multiplicaram-se como cogumelos. Porque não me venham cá com lérias. Toda essa frandulagem de barbas à Fidel e cabelos pelos ombros, elas de jines ou de rabo à vela, que andam por aí enxameando as ruas e berrando que «a luta continua, a luta continua», enchendo as paredes de cartazes, sujando tudo, são os tais intelectuais, os queridinhos, disfarçados de classe trabalhadora a fazer ouvir a sua voz. De classe trabalhadora! Já é preciso ter topete. Chegaram a ser ministros, aparecendo na cerimónia da posse sem gravata para mostrarem ao País que agora é tudo nosso. E eu rilhando o dente. Metia-os no Campo Pequeno, como dizia o outro, e cosia-os a G-3. Com a diferença de que o outro nunca teria coragem para fazer-nos isso a nós e eu fazia-lhes isso a eles sem hesitar um minuto.

Mas o pior já lá vai. E não se esqueçam disto. Mesmo os lanzudos de colares ao pescoço e as meninas de rabo à vela estão acabados, não tarda. Já muitos se empregaram em certos lugares do Estado ou de empresas priva-

das, voltaram a usar gravata, a lavar-se, a ir ao cabeleireiro. E os que ainda se ocupam de política, se não são profissionais, e com esses pode a gente muito bem, escrevem longos artigos, livros, aparecem em mesas-redondas que até dá sono ouvi-las. Não fazem mal a ninguém. Que se divirtam.

Tenho hoje um lugar de certa responsabilidade numa firma de exportações e importações. E dirijo, muito discretamente, certos serviços de ordem. A famigerada Comissão de Saneamento e Desmantelamento da PIDE/DGS já lá vai. Que prosápias, coitados!

E foi giro. Quando entrei para o meu novo emprego, aqui há uns bons três anos, com quem é que eu dou de caras? Pois com o Braguilhas. O tal que foi despido na rua e fotografado nu, como veio em todos os jornais. O meu colega de outros tempos. Estremeci um segundo. Parecia-me um fantasma.

Talvez já não haja perigo. Estou de acordo. Mas, pelo sim, pelo não, chamei-o para um canto sem lhe mostrar os dentes.

— Olha lá. Tu não me conheces, estás a ouvir? Nunca me viste.

Ele teve um princípio de risinho zombeteiro. Cortei-lho pela raiz: — Nem nunca tu me viste, nem eu nunca te vi. E é melhor não te esqueceres. Não custa nada a arranjar um jornal daquele tempo. Não sei se estás a entender.

O Braguilhas parecia melhor, mais cheio. Sorriu e encolheu os ombros. Que, se era assim que eu queria, assim seria. Mas que não valia a pena. Tudo tinha passado.

Que quem lhe arranjara aquele emprego sabia bem quem ele era.

— Não importa, estás a ouvir? Cá tenho as minhas razões. Nunca nos conhecemos antes.

Ficámos a dizer-nos «bom dia», «boa tarde», quando o serviço o exigia. Mas não seria nada mau descobrir a maneira de, com toda a segurança, o fazer calar para sempre. Ver-se-á.

Porque, se eles berram, em manifestações cada vez menos concorridas, que «a luta continua!, a luta continua!», a minha luta, essa sim, continua e não permite distracções.

Tenho pensado muito nisto tudo e acho que nada pode voltar exactamente ao que foi. É a chatice. Mas os meus democratas estão com a razão. Tenho de entender o que eles fazem sem ligar ao que eles dizem. Em todo o caso, atenção.

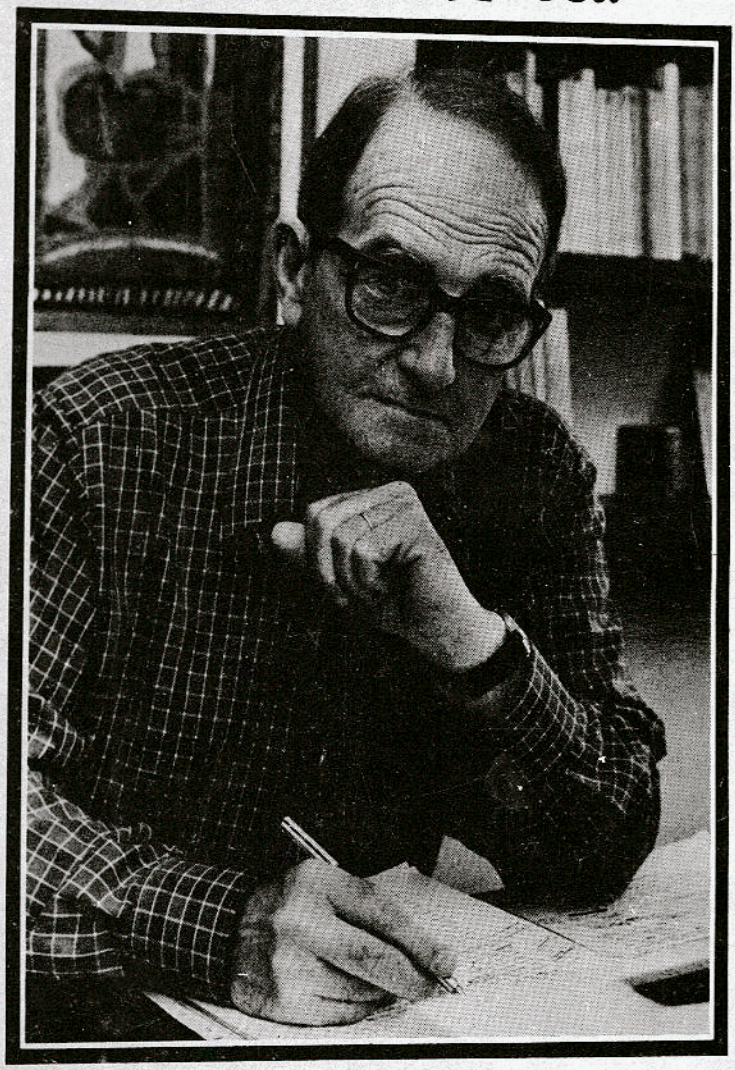
E, bem vistas as coisas, talvez essa cegada dos cravos tenha sido só um pesadelo. Um pesadelo necessário. Durante o que eles chamam o fascismo — «morra o fascismo!», «fascismo nunca mais!» — não me faltou seja o que for. Vivia à grande — diziam os vizinhos de riso atravessado e eu com o olho neles. Mas a verdade é que nunca tinha tido um carro meu. Nem um andar.

E macacos me mordam se ficarei por aqui. Vamos dar tempo ao tempo.

Março, 1987

Colecção

Dias de Prosa



Um novo e excelente livro de contos de um nome grande da cultura portuguesa, poeta, ensaísta, crítico e ficcionista que desde «O Dia Cinzento» se impôs pela escrita rigorosa e pela segurança narrativa. «Não esqueço o assombro que me causou essa forma de contar» — escreveu José Cardoso Pires sobre este escritor de voz singular, que não cessa de nos surpreender na sua cada vez maior exigência.